

Jornal

EDIÇÃO 28
OUTUBRO, NOVEMBRO E
DEZEMBRO DE 2015

Psicologia em Foco[©]



8 E 9 SESSÃO ESPECIAL

Envelhecer é ter histórias para contar

4 ENTREVISTA

JPF entrevista Dra. Maria Júlia Kovács

10 ANALÍTICO EM FOCO

O alvorecer da velhice e o processo de individuação

12 CONEXÕES

Vida transcendente através da avosidade



Jornal
Psicologia em Foco

ISSN 2178-9096

EDIÇÃO Nº 28 – OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2015

COORDENAÇÃO

Vinicius Romagnolli R. Gomes
(CRP 08/16521)

EDIÇÃO

Toni Trentinalha

REDAÇÃO

Eduardo Chierrito, Gabriela Cristófoli,
Ieda Marinho, Luana Ramos Rocha e
Toni Trentinalha

REVISÃO

Ariana Krause (CRP 08/17743),
Christian Silva dos Reis, Giovanna
Bertoni (CRP 08/19036)

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Estúdio de Design

DIVULGAÇÃO

Cayla Aparecida de Sousa, Cícero
Félix, Fernanda Ferdinandi, Fernanda
Maysa Borniotto, José Valdeci
Grigoletto Netto e Taís Kemp Abdo
(CRP 08/20920)

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

2000 exemplares

ACESSE NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS
PARA RECEBER NOVIDADES E
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



facebook.com/
psicologiaemfocoinstituto

PUBLIQUE SEU ARTIGO

envie um e-mail para
ipfoficinadosaber@gmail.com

ou entre em nosso site para
maiores informações
institutopsicologiaemfoco.com.br

CARTA AO LEITOR



Passa tempos

EDUARDO CHIERRITO

Acadêmico do 5º ano de Psicologia da UniCesumar e membro do IPF.

Um minuto. Coração que nasce em roda singular remodela-se em movimento de perda, banha-se na linguagem e segue a bater. Segue a direção do que já era antes de ser? Três dias. Nem tudo é um bicho de sete cabeças, mas coração não se aquieta, agita-se buscando um jeito próprio de bater. Dois segundos. E toda rotina em ritmo de jornada, ponto que bate e ponto que esquece, compensando horas de trabalho (oxalá se for no sábado de manhã ou na quinta-feira véspera de feriado). Um minuto. Roda mundo, roda gigante, roda moinho, roda pião e o Buarque? Roda? Ou não? Alarme em soneca dá mais alguns minutos e, as próteses já não tem a mesma força, se o relógio não marcar, o alarme não tocar... passam tempos, passam pássaros e aviões, mas em suma, como disse o trio, passe em casa, coração espera visita, quem sabe acompanhada do docinho, aquele de nona, de vó ou até mesmo aquele agrado do nono, do vô. Quando o segundo passar, nada o detém, instante de tempo e de histórias, de ver as gerações que faz do coração eterno. Menos um minuto. Morangos silvestres já foram colhidos. Três meses a chegar. O que acontece com este tempo?

Que começa em linha contínua e depois neste emaranhado conchoid volta e se lança no futuro, nada de espanto. Diversos teóricos e cientistas buscaram apreender sobre o tempo, até então relativo. A psicologia possui um olhar especial sobre o tempo, o relativismo da física contemporânea apresenta um tempo entrelaçado, uma vez que o tempo passado, o presente e o futuro estão vinculados ao observador, a um ponto, a cada coração que se lota de futuro e planos, ou que se preencheu de passado, de lembranças, de medos... tentamos administrar o tempo, programar, colocar em planilhas, nossa sociedade diz sobre o perder tempo ou que o tempo é dinheiro, crianças com agendas complexas e a juventude com medo do tempo se esvaecer. O observador permite vivenciar e refletir sobre estas linhas de tempo que se cruzam no hoje, presente (nome sugestivo) momento, mesmo que o tempo tenha chegado em sua completude, nós definimos o tempo, assim é possível (re) significar o passado, elaborar um futuro possível, silenciar, emancipar, individuar-se. Relativamente, além do espaço-tempo linear, e falando de tempo que tal mais um café? E a próxima página?

QUEM SOMOS NÓS?

Nossas atividades tiveram início com a criação do Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096), em junho de 2010, idealizado por Vinicius Romagnolli R. Gomes, então acadêmico de Psicologia. O projeto tinha como proposta viabilizar um espaço para produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos relacionados à área. O JPF tinha inicialmente uma tiragem de apenas 500 exemplares, com 6 páginas em preto e branco. Em 2011, no aniversário de 1 ano do JPF, a Oficina do Saber foi criada, com a proposta de viabilizar um espaço para debates acerca de assuntos atuais.

Já em 2012, foi criado o Grupo Psicologia em Foco, contemplando tanto o JPF quanto a Oficina que, com uma proposta de profissionalização da equipe e capacitação dos membros, investiu em consultorias que auxiliaram na criação de uma identidade organizacional. Em 2013, o JPF ganhou cores, uma nova

diagramação e passou a ter 3000 exemplares em 16 páginas: teve início a Oficina do Saber in Company, com a proposta de levar a Oficina de modo itinerante e customizado para colégios, faculdades e empresas.

Missão: Promover a troca de saberes em um espaço inovador.

Valores: comprometimento, brilho nos olhos, espírito de equipe, qualidade, pró-atividade, foco no cliente.



ASSINE NOSSO JORNAL

Receba cada edição na comodidade
de sua casa e fique sempre por dentro!

www.institutopsicologiaemfoco.com.br

PENSO ASSIM



Sobre memória, história e psicanálise

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES

Psicólogo [CRP: 08/16521], historiador e mestre em Psicologia.

A questão da memória desperta grande preocupação atualmente no âmbito dos estudos sobre História, Filosofia, Educação e Psicologia. A memória não é apenas um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética, sendo nosso dever preservá-la. Essa preocupação embora seja antiga, assume atualmente traços específicos pois não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral e coletiva, logo, criamos atualmente “estratégias” de conservação e mecanismos de lembrança.

Dentre grandes pensadores que abordaram a temática destaca Nietzsche que denunciava a acumulação obsessiva, cujo efeito não consistia na conservação do passado, mas sim em uma paralisia do presente. Na mesma linha Tzvetan Todorov em sua obra “Os Abusos da Memória” critica à “sacralização” da memória que a tornaria estéril e que seria uma forma de esquecimento.

Ao pensarmos em memória, faz-se necessária a discussão sobre acontecimentos históricos como Auschwitz, que representa nas palavras de Jeanne-Marie Gagnebin “aquilo que não pode ser esquecido” e que nos impõe “um dever de memória”. Porém tal trabalho de memória se deu de uma forma diferente no pós 2ª Guerra se comparado aos dias de hoje; se por um lado os sobreviventes do Holocausto não esqueciam sua experiência traumática, por outro vemos que meio século depois nós conseguimos perfeitamente esquecer Auschwitz.

Theodor Adorno escreveu vários ensaios sobre a necessidade de não nos esquecermos desse episódio a fim de não repeti-lo. Adorno não defende, no entanto, as comemorações incessantes e fala de uma “luta contra o esquecimento” que se faz necessária diante da forte tendência e desejo de esquecer, sendo que no caso dos nazistas, podemos pensar na relação entre culpabilidade e vontade de esquecer. Nietzsche contrapõe duas formas de esquecimento, um primeiro dito “natural” e necessário a vida e um segundo que seria um esquecimento “duvidoso”; uma espécie de “fazer de conta que não sabe”. Contra tal denegação e repressão, Adorno propõe um “esclarecimento racional”. Para Adorno o que importa é a maneira pela qual o passado é tornado presente, sendo que não se trata de fazê-lo para man-

ter a queixa, a acusação ou recriminação dos “culpados”, pois isso seria poupar-se do esforço doloroso que o esclarecimento a respeito do passado implica. Já para Nietzsche o enclausuramento nesse ciclo vicioso de busca pelos culpados a propósito do passado faz com que não seja possível abertura em direção ao presente. Assim sendo, vemos que um bom uso da memória seria no sentido de “elaborar” o passado, lembrá-lo não de forma estéril como no “culto ao passado”, mas como uma análise esclarecedora do presente.

Toda essa discussão em torno da memória se articula com a Psicanálise e os conceitos freudianos de “elaboração” e “retorno do passado” que nos possibilitam pensar por analogia os processos coletivos de memória, esquecimento e repetição. Elaborar o passado consistiria, para Freud, na saída da compulsão à repetição, ou seja, da queixa incessante que se baseia na lembrança traumática. O filósofo francês Paul Ricoeur considera que esse trabalho de lembrança que Freud postula consiste em um “uso crítico da memória”.

Freud sugere que a doença seja encarada como um “adversário digno” e não como algo vergonhoso. Vemos aqui o apelo de Freud para se criar coragem e enfrentar o passado a fim de esclarecê-lo e compreendê-lo. Ricoeur enaltece os conceitos freudianos de “trabalho de elaboração” e de “trabalho de luto”, sendo que enquanto aquele permitiria sair da repetição, este possibilitaria uma nova ancoragem na vida ao possibilitar que se possa internalizar algo novo.

Pode-se ainda estabelecer uma relação entre a complexão melancólica e a obsessão comemorativa denunciada por Todorov, na medida em que tal obsessão pode reinstalar os sujeitos num círculo de culpabilidade; tal complacência narcísica forneceria ao sujeito a “vantagem” em desistir do trabalho de luto e fazer novos investimentos libidinais, para se instalar na queixa infinita, permanecendo no passado em vez de enfrentar o presente.

Por fim, em oposição a essas figuras melancólicas e narcísicas da memória, vemos nas obras de Nietzsche, Adorno e Freud uma defesa da lembrança ativa, que se baseia em um trabalho de elaboração e luto com relação ao passado que nos leva a lembrar dos mortos sim, porém sem nos esquecermos dos vivos.



Duas doses de Didi

EDERSON HISING

Jornalista e repórter do jornal O Diário do Norte do Paraná.

Didi morreu. Fosse Renato Aragão, feriado nacional e quilos de páginas de jornais – para embrulho ou forro, ao gosto do cliente. Esse outro até fez parte da infância de muita gente, mas na zona dois de Maringá. Foi esses dias. Do nada, rapaz. Fazia tempo que não o via. Estava internado. Diz que estava com câncer de próstata. Entre nós, acho que foi cachaça, soltou alguém num ‘entregole’ no bar do Moacir ou no do Arnaldo, apostaria cegamente.

Sempre bem acompanhado pelos cachorros da rua, ele – que tinha casa – media a passos tortos as calçadas do bairro ladeando botecos na Cerro Azul. Só fazia mal a si mesmo. Respondia com imensa sensatez o desprezo do outro. Todo sujo e mal vestido pedia uns trocados para beber, dias seguidos, anos subsequentes, décadas a fio. Pelo menos quatro das cerca de seis que viveu.

Pedir por Didi por aqui entre os mais experientes é confusão na certa. Não pelo Aragão, não. Mas pelo homônimo lendário jogador do galo guerreiro do norte paranaense nos anos finais de 70. O volante de passes guiados e sem-pulos salvadores não corria, desfilava. Não driblava, punha pra dançar. Não tocava, distribuía. E como bebia. Mal dos bons ‘Didis’.

Reza a lenda que o craque campeão paranaense em 77 fez uma adaptação no carro, com encanamento e tudo, para dar uns

goles enquanto passeava. E não é papo de boteco. Não é, também, segredo para ninguém que Itamar – o artilheiro – buscava Didi nos bares horas antes das partidas. Não só nos bares, registre-se.

Justificável. Além de amigos, sabia que com ele seria consideravelmente mais fácil levar o bicho. Morreu em 2003, aos 53 anos, com infecção generalizada. Aids, da qual não tinha conhecimento. Tivesse tido tempo para se recuperar do desarme, driblaria também. Voltemos ao outro Didi. Que não teve a morte comunicada. Que reside e resiste na memória de um tempo.

Ele não falava. Pensando bem, o senhor da grande barba branca e mal feita pode ter perdido a voz num jogo do Grêmio. Mas que se diga uma coisa realmente importante. O talento de gesticular para pedir uma dose, com dois dedos bem postados num intervalo respeitável entre eles, era único, como os tapas do jogador.

Chuta, Didi. Mais uma, sinaliza, também, Didi. Eles passaram. Todos passam. Dividem apelido e copos por aí ainda. Bebem nos alambrados do Willie Davids. Não são nomes de ruas. Melhor, são endereços. De memórias ou folclores. Recortes cotidianos. Dois sopros. Ou melhor, dois goles. Duas goleadas. Dois que não se furtaram do que quiseram ser.

CHARGE



ENTREVISTA



JPF entrevista Dra. Maria Júlia Kovács

Psicóloga (CRP 06/2566) pela PUC-SP (1975); mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP (1985) e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano também pela USP (1989). Concluiu livre docência com a tese: *Educação para a Morte: Desafio na formação de profissionais de saúde e educação* (2002). Atualmente é professora livre docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP.

Entrevistador: Zeca Grigoletto

O que é luto e por que é importante estudá-lo nos dias de hoje?

O luto é o processo de elaboração de perdas significativas. Têm suas singularidades dependendo de características da pessoa, história de vida, momento da vida, suporte familiar e social. Cada época e cultura imprime também autorização da expressão de sentimentos e rituais. Atualmente há uma perspectiva, novamente, de tornar o luto, que é um processo normal, em doença associando com depressão. Cabe a nós como profissionais de saúde mental esclarecer as pessoas que o luto é um processo normal.

Percebemos que mesmo que se tente trazer o assunto para o cenário atual, ainda há barreiras a serem rompidas em relação ao processo de morte, morrer e de luto. Por que a morte ainda é um assunto interdito em nossa sociedade? Com sua experiência na área, o que pode ser feito para romper com o tabu que envolve tal questão?

É muito importante abrir espaço para falar sobre a morte que na época atual é considerada tabu e assunto que deve ser evitado. Há uma associação de morte com fracasso, principalmente na área da saúde. O que se pode fazer é trazer o assunto para conversas, comunicar sempre que for possível e que for pedido por pacientes e familiares. Atualmente há filmes e documentários sobre o tema. Destacamos: *As Invasões Bárbaras*, *Mar Adentro*, e *A Partida*, entre outros.

Como os idosos lidam com a questão da morte e do morrer? Há alguma especificidade para as perdas sofridas nesta fase da vida?

Idosos veem vários lutos nesta fase da vida, principalmente figuras de referência, cônjuges, amigos e também filhos e netos. Incidem nesta época também as doenças crônicas, degenerativas e o câncer. Não há maneira genérica de elaboração

destas perdas; há a influência dos aspectos mencionados na questão. É importante divulgar a necessidade de cuidar de idosos que estejam sofrendo muito, pois há uma naturalização da dor e sofrimento nesta fase.

Sabe-se que ao longo de sua vida o ser humano vivencia inúmeras perdas, seja a perda da juventude, do cônjuge ou de um emprego que lhe trazia estima. Então, como estas perdas são enfrentadas pelos idosos com a atual concepção de envelhecimento e de velho que se tem nos dias atuais?

O modo como se vive as várias perdas durante a vida vai influir na maneira como viverá o luto no envelhecimento. Então é preciso considerar toda esta experiência vivida e cuidar dos idosos, que muitas vezes são abandonados e deixados de lado; às vezes com a família, em que ninguém fala mais com ele.

O que é o testamento vital e qual sua importância?

O testamento vital é um documento de expressão de vontade da pessoa que não deseja ser submetida a certos tratamentos. Este documento ainda não é lei, mas deve ser respeitado pela equipe de saúde.



“O modo como se vive as várias perdas durante a vida vai influir na maneira como viverá o luto no envelhecimento.”

Edvard Munch, *By the Deathbed*

Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

contato@casaeescritorio.com

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

COMPORTAMENTAL



Aposentei-me, e agora?

RENAN TURCI

Acadêmico do 3º ano de Psicologia da UEM.

Frequentemente pensamos que a aposentadoria é uma época de descanso e regozijo dos anos que passamos trabalhando – o que pode se mostrar ilusório logo que trata de um tempo afastado de sua ocupação.

Há pessoas que gostam do que fazem e tomam a aposentadoria como um merecido descanso, no entanto se veem angustiadas após uns meses longe do trabalho e querem voltar a trabalhar, só que agora, estão desempregados. Há também aqueles que passam a vida fazendo algo que não lhes apetece e não veem a hora de se aposentar, e, quando se aposentam sofrem do mesmo mal do tédio daqueles que se empregavam em algo que os satisfazia. A maioria dos aposentados pode passar a visitar mais os amigos, ver mais televisão, fazer mais tarefas domésticas, porém, mesmo assim terão muito tempo livre para se entediar. A partir disso, vemos que Skinner e Vaughan (1985) nos dizem que a falta de uma atividade pode ser penosa para ambos os casos.

Ainda com a teoria skinneriana, temos que o que nos mantém sob controle de uma atividade são as consequências imediatas do comportamento, ou seja, aquelas as quais podemos experimentar imediatamente. Exemplo: O que mantém um artesão fazendo sua obra é o encaixar de cada peça, a textura mais fina a cada lixa usada, a forma cada vez mais perfeita dada pelo talhar de suas mãos. Tudo isso está na apreensão imediata do artesão e é o que o faz continuar. Não a contemplação do objeto final, como costumemente pensamos.

Isso quer dizer que quando chega o tempo de uma pessoa se aposentar, é retirada dela toda a consequência que ganhava, pois não realiza mais as atividades que davam o sentido em sua

vida. O que, em alguns casos, pode acarretar até depressão.

Sabendo que a falta de atividade pode nos angustiar quando se chega à terceira idade, alguns conselhos podem ser propostos a quem já chegou lá: a) Diminua a intensidade e tempo do trabalho, mas não pare. No século XIX (E.U.A) era comum que pessoas com mais de 65 anos continuassem a trabalhar, só que num ritmo menos intenso. (Os sistemas previdenciários só vieram a surgir no século XX). b) Se não tem mais condições ou não quer mais fazer o que fazia antes, procure outra atividade para se empregar. (Só não vale se empenhar em algo que não gosta por culpa ou frustração). c) Se você for obrigado a se aposentar, tente exercer a mesma função em outro lugar. (Se a atividade que exercia antes ainda for do seu interesse). d) Também é possível tentar uma coisa nova (não precisa ir bem logo de início, há chances de que comece a gostar do que faz à medida que o fizer bem e, se a frustração ou o fracasso lhe incomodar, tente se empenhar na atividade durante uma ou duas horas por dia no começo). e) Há várias organizações filantrópicas que ficarão contentes com a sua ajuda como voluntário.

Como pôde ser constatado, um planejamento precoce pode beneficiar muito a vida de aposentado. Antes de pensar que será um lazer eterno de descanso ou a fuga de um trabalho que não lhe agrada, certifique-se que compreende o real sentido do que é abrir mão do trabalho. Se você está em início de carreira e/ou ainda pode e pensa em mudar: Investir em uma ocupação que possa diminuir aos poucos pode ser uma boa opção para quem quer ter uma velhice proveitosa.

COTIDIANO



Apenas enquanto durar a bateria

LÍVIA BATISTA PEREIRA LARRANHAGA

Psicóloga (CRP 08/13426) graduada pela UEM, especialista em clínica psicanalítica (NECPAR) e mestranda em psicologia (UEM). Atua como psicóloga clínica.

Enquanto isso em alguma padaria de alguma cidade em algum país do mundo, uma senhora qualquer se dirige ao caixa para pagar os pães e o leite que havia escolhido. A jovem operadora do caixa diz:

- Cinco reais e cinquenta centavos, senhora.

A cliente tira uma nota de 10 reais do seu bolso, entrega-a a moça que pega sua calculadora para fazer a subtração. Ela chega ao resultado e devolve o troco para a senhora. A acentuação do caráter indefinido do lugar e dos personagens envolvidos foi proposital para mostrar a universalidade da situação.

A calculadora é apenas um entre tantos exemplos de instrumentos que fazem parte do nosso cotidiano. Eles não só convivem diariamente conosco como também funcionam como extensões do nosso corpo, no caso da calculadora é como se ela fosse uma extensão do nosso raciocínio matemático.

Nos dias atuais, como exemplo desses objetos que nos auxiliam em nossas tarefas diárias, eu poderia citar os smartphones, os tablets, os notebooks, os teleprompters. Este último é uma espécie de tela acoplada em câmeras de vídeo. Por meio desse equipamento, os apresentadores de telejornais leem notícias que são veiculadas pela mídia. A memorização do texto e a articulação entre as ideias são substituídas, então, por uma máquina que determina o que o jornalista deve falar.

Em 1930, Freud já havia problematizado acerca dessa situação enquanto discutia os avanços que as épocas futuras trariam. No clássico texto “Mal-estar na cultura”, ele chama de prótese todos os órgãos auxiliares que o homem utiliza para facilitar a vida. Interessante pensar que na época, Freud citou as seguintes conquistas: navios, aviões, microscópio, telescópio, câmera fotográfica,

telefone e a escrita. Sendo que esta seria na sua origem a voz de uma pessoa ausente. Se escrevo aqui é porque num passado remoto alguém criou uma estratégia para que sua voz chegasse aonde ele não poderia estar.

O que Freud (1930) já havia observado é que essas próteses, apesar de serem magníficas, causam algumas dificuldades. Considerando o exemplo narrado no início desse texto, fico imaginando o que aconteceria se a calculadora quebrasse? Ou se eu quisesse ser mais trágica: o que acontece quando um avião falha em pleno voo?

Penso que é sobre essas dificuldades que Freud se refere. Problemas que surgem quando a prótese falha e nos mostra que somos humanos ou então quando nossa dependência dela nos impede de raciocinar. O referido autor diz que nos transformamos numa espécie de Deus de prótese. Os órgãos auxiliares nos levam a uma semelhança com Deus, no entanto, ele afirma que não estamos felizes em ocupar esse lugar.

Essas próteses, apesar de não terem nascido conosco, parecem estar implantadas no nosso corpo como se fossem parte dele. O problema é que elas não são feitas do mesmo material que nós, são corpos estranhos, feitos de plástico, metal, borracha, alumínio, etc. Esses materiais, ao contrário da nossa carne, são mais resistentes às intempéries, defendem-nos da nossa fragilidade e legitimam a nossa fantasia de onipotência que dura até o exato momento que a bateria do nosso smartphone acaba. E se antes o homem primitivo tinha os deuses como ideal de onipotência e onisciência, hoje o sujeito saiu do seu lugar de idólatra para se tornar um deus de si mesmo. Mas apenas enquanto durar a bateria...

ESPAÇO
Lord®
mustache

4º PISO
MARINGÁ PARK

44 9909.9222

**Dr. Cleto
Rocha Pombo Fº**
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak
44 3225-4965
Maringá - PR

Especialista em Psicoterapia USP-SP



Envelhecimento: desafios e adaptações

ROSEMARY PARRAS MENEGATTI

Psicóloga clínica (CRP 08/03524) especialista em terapia familiar e de casal. Mestre em Promoção da Saúde e professora no curso de Psicologia na Unicesumar e FAMMA.

Atualmente o envelhecimento vem sendo foco de estudos principalmente no Brasil onde a população tem alcançado os 80 anos com muita facilidade (IBGE, 2010). Deste modo, o envelhecimento se tornou crucial em nossa sociedade e, o aumento da longevidade trouxe com ele novas contingências para a vida do idoso e suas famílias.

Ainda segundo o IBGE (2010) está ocorrendo uma inversão da pirâmide a partir da idade, ou seja, a população está numa crescente expectativa de vida, enquanto o número de nascimentos tem caído. De acordo com a Organização Mundial de Saúde a velhice tem início aos 65 anos e, a população está envelhecendo com mais qualidade de vida em virtude da alimentação, higiene e saúde. A tecnologia, a medicina, a economia, a psicologia e a vida social ativa tem proporcionado envelhecimento saudável.

Walsh (in Carter e McGoldrick, 1995) diz que envelhecer é um desafio, cercado de limitações culturais negativas. O idoso é visto como um problema e, são estereotipados e descartados como obsoletos, rígidos, senis (aborrecidos) mal humorados, enfadonhos e desnecessários. São retratados como viúvos sem família ou fugindo de sua família. Há um mito de que a maioria dos idosos não tem família, ou então possuem família, mas esta não quer ter contato com eles e se os têm o fazem de maneira obrigatória, conflitante e com pouca frequência.

Pertencer a uma família é tão importante para o idoso quanto para qualquer outra pessoa, em qualquer fase do desenvolvimento do ciclo de vida familiar. Portanto a família, quando é vista como um sistema, tem em seu bojo várias gerações e os membros mais velhos trazem consigo desafios e adaptações. Tais mudanças englobam a aposentadoria, viuvez, doenças que necessitam de apoio familiar, eles sofrem e passam por inúmeros lutos.

Infelizmente no que se refere à saúde mental do idoso existem infinitas falhas, visto que o acometimento de patologias na terceira idade vem numa projeção crescente. As doenças mais comuns são a depressão e a ansiedade, mas doenças como Parkinson e Alzheimer tem crescido consideravelmente e, muitos transtornos estão intimamente ligados a adaptação no seio familiar em função do estágio tardio de vida. É preciso valorizar o idoso no contexto familiar, pois eles representam sua memória viva.

Os padrões comunicacionais que se estabelecem nas famílias irão ditar a maneira como a família irá lidar com seus membros e com as situações adversas que possam surgir. Os padrões iniciais de comportamento anteriormente adequados em estágios tardio tornam-se disfuncionais para os dias atuais.

A aposentadoria, a diminuição na satisfação conjugal e possíveis problemas com os filhos são fatores que podem levar o sujeito a uma velhice marcada por estresse e adaptação disfuncional do envelhecimento. A ideia de uma velhice construída não habita o imaginário das pessoas em nossa cultura, que faz apologia à juventude eterna, posto que vivemos num país jovem e, a velhice é um fenômeno inesperado (Cerveny, 2009).

Segundo Cerveny (2009) e Carter & McGoldrick (1995) as famílias passam por um ciclo de desenvolvimento familiar que culmina com a fase da velhice, onde as tarefas se constituem no enfrentamento de perdas (trabalho, saúde, casa, parentes, amigos), elaboram lutos e precisam encontrar sentido de vida. Os conflitos desta etapa estão pautados nas dificuldades de elaboração das perdas e, nas dificuldades em encontrar novo espaço no contexto familiar e social. Enquanto os padrões disfuncionais estão envolvidos em amarguras, morte precoce e, sintomas psicossomáticos, essa última fase do ciclo vital apresenta contradições e lacunas que foram impostas a partir da trajetória familiar.



E quando as crianças morrem?

ZECA GRIGOLETO

Acadêmico do 4º ano de Psicologia da Uningá e membro do IPF.

O mundo ficou em luto. No começo do mês passado, ficamos sabendo da morte de quase todos os membros de uma família que vivia na Síria (em que apenas o pai sobreviveu) enquanto tentava sair de seu país de origem para tentar a vida em um lugar sem guerra, sem mortes a cada segundo do dia. No entanto, a missão falhou.

Logo no dia em que vi a imagem da criança que foi carregada pela correnteza do mar circulando pela internet, meu peito doeu. Queimou, eu diria. A imagem comoveu o mundo. Fiquei pensando na esperança que aquela família tinha em recomeçar – e

também na ansiedade e desespero dos pais frente a essa tentativa ilegal de saírem do país que residiam. Outro pensamento que me ocorreu foi em relação aos motivos e ao desespero que levaram a família a tomar tal atitude. Fiquei pensando, ainda, no pânico que aquela situação causou a esse pai, único que conseguiu sobreviver. Impossível controlar as lágrimas que insistiram em empoçar meus olhos.

Não vou adentrar aqui a respeito de como foi que se deu o desfecho do caso, visto que outros meios de comunicação já se encarregaram disto. Mas sim, venho aqui falar sobre esse pai que sobreviveu. Da noite para o dia, ficou viúvo e perdeu seus dois filhos, um de três e outro de cinco anos de idade; os três morreram no mar.

O luto é uma das mais intensas emoções que os sujeitos poderão vivenciar ao longo de sua vida, e situações de desastres geram intensas crises nas pessoas, que podem ser enfrentadas de múltiplas maneiras; neste tipo de situação, geralmente há a possibilidade de ocorrer um desencadeamento de traumas nos que sobreviveram, bem como



uma possibilidade de desenvolverem transtorno de estresse pós traumático (TEPT). O mundo presumido, ou seja, o mundo idealizado pelo sujeito é rompido, acabado. Ele precisa agora aprender a lidar com o trauma vivido e com esta ruptura (GREGIO et. al., 2015). Assim, o luto que este pai vivencia merece cuidado, atenção.

Vale destacar que outras dezenas de pessoas morrem a cada dia na tentativa de saírem deste país e que outras pessoas do mesmo barco que as crianças estavam também morreram, mas nos parece que quando é a criança quem morre, a comoção tende a ser maior. As crianças que morrem não morrem sozinhas: os sonhos também se vão, a alegria, a vida toda pela frente que já não mais existirá.



AMBIENTAL



Transcender-se

EDUARDO CHIERRITO

Acadêmico do 5º ano de Psicologia da UniCesumar e membro do IPF.

Quando criança me recordo que os professores, em determinada aula sobre cidadania, levaram os alunos para plantar uma árvore. Um simples gesto de ensino que voltou à minha mente na adolescência quando li que o homem em suas realizações deve escrever um livro, ter um filho e plantar uma árvore.

Se a vida acontecesse como nos livros de história, e, em eventos na linha de tempo na horizontal, as coisas seriam mais tranquilas com dois terços de feitura a concretizar. É fato que não é nessa linha que as coisas caminham. Em suma se olharmos para as três realizações compreende-se que, cada qual em sua valia, são veículos para que o homem perdure em sua existência. Aquele que escreve guarda o seu mundo para as gerações futuras e compartilha de seu saber para muitos. O filho é a continuidade de si em outro e transpassa gerações. O plantar uma árvore traça esperanças em ter ela em crescimento compartilhado e guardado para o amanhã.

Imagine o poder que o plantio trouxe para a civilização em sua construção, uma vez que as atividades de plantio foram a base para o processo evolutivo do homem. Em diversas culturas e religiões o homem nasce da terra, assim como as plantas. O valor simbólico do plantio está relacionado em comparti-



Getty Images

lhar a criação com as mãos de criatura.

Em nossa continuidade histórica recebemos uma herança ambiental imersa em caos, fato este que motivou diversos pesquisadores a indagar sobre o futuro da humanidade, onde nossos netos ou bisnetos iriam habitar. Em décadas o tema de ambiente sustentável foi disseminado, explorado em documentários, filmes ou livros. Medidas públicas de diminuição de gases tóxicos, entre outras, foram tomadas, um grande remédio para a ferida que causamos na natureza. O ecologicamente correto agora é ensinado nas escolas e programas infantis como uma medida preventiva, mas até quando? Será que um dia iremos deixar a condições de órfãos para habitar com a natureza, mãe nossa?

O fato é que no processo de conscientização, apenas a informação não produz atitudes ambientais, o agir parte do modelo, o exemplo é a arma mais poderosa para a aquisição de comportamentos. Em determinada altura da vida pensamos,

o que deixar de mim para as próximas gerações? O modelo em cada atitude perdura além de algumas realizações, trata-se da base para elas. O “bom dia” pela manhã, o obrigado, o lixo separado, o aviso se há uma garrafa quebrada para o coletor, abraços, a escuta e os conselhos. A vida perdura no cotidiano, ordinariamente em tom de simplicidade.

PSIQUIATRIA EM FOCO



A depressão na terceira idade

DRA. GIOVANA JORGE GARCIA

Médica Psiquiatra [CRM-PR: 24.337/RQE:17431], Doutoranda do Programa de Saúde Mental, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo-USP.

Atualmente, observamos um aumento da expectativa de vida em todo o mundo e, como consequência, temos um número maior de idosos na nossa população. Diante disso, é crescente a procura de serviços de saúde pelas pessoas acima de 60 anos e, na área da saúde mental, isso não é diferente. Isso acontece pois, dentre as principais doenças que acometem os idosos, estão os quadros depressivos. Por várias razões, a depressão nessa faixa etária ainda tem sido pouco diagnosticada e tratada. Essa é uma realidade que precisa ser mudada, já que esse transtorno é uma condição de saúde grave que afeta a qualidade de vida e piora a gravidade e a mortalidade de doenças que o idoso já seja portador.

A causa da depressão ainda não é conhecida, mas já se sabe que é necessário um somatório de fatores para que ela ocorra. São fatores genéticos, ambientais, biológicos e psicológicos que se acumulam na terceira idade. Entre eles temos a perda de neurônios e redução dos neurotransmissores, uso de muitas medicações, doenças físicas e cerebrais já existentes, luto, perdas e modificações no papel social com o envelhecimento. Assim, os idosos são uma população de risco para a incidência de transtornos depressivos e um cuidado adicional é necessário para a prevenção, identificação precoce e tratamento dos sintomas.

Todos os sintomas presentes na depressão em adultos jovens também são encontrados em idosos. Para o correto reconhecimento da depressão, é preciso investigar a queixa de determinados sintomas, que podem, eventualmente, prejudicar a vida pessoal ou social do idoso. Tais sintomas podem ser identificados como: humor entristecido a maior parte do dia, redução ou perda do prazer e interesse nas atividades cotidianas, alterações no apetite e sono, agitação ou lentidão, desânimo, pensamentos de culpa ou desesperança, dificuldades com a concentração e memória e, em casos graves, pensamentos de morte e/ou ideação suicida.

Os idosos deprimidos podem apresentar

algumas particularidades. Eles tendem a relatar menos espontaneamente sintomas de tristeza e falta de prazer ou interesse e queixar-se mais de sintomas no corpo, como fadiga, dores, sono ruim. Um outro sintoma comum referido pelo idoso é o prejuízo na memória. A investigação dessa queixa e a diferenciação de uma queixa de memória ruim relacionada à depressão de um quadro inicial de demência é de extrema relevância. Os prejuízos da memória que ocorrem na depressão são reversíveis com o tratamento adequado, enquanto aqueles que ocorrem em quadros demenciais são irreversíveis.

Todas as modificações que ocorrem no organismo e no funcionamento da mente com o envelhecimento são relevantes para o adoecimento. A evolução da doença e as chances de recuperação do paciente dependem do diagnóstico precoce e tratamento adequado. Infelizmente, a maior parcela dos idosos que sofrem de depressão não recebe o diagnóstico e tratamento necessários. É comum os familiares, amigos e o próprio cônjuge pensarem que as mudanças no humor, no ânimo, na interação com o mundo, no sono e apetite do idoso são “normais” do processo de envelhecer, favorecendo assim um diagnóstico tardio.

O reconhecimento dos sintomas depressivos no idoso propicia o início do tratamento adequado e a recuperação do bem estar. O tratamento ideal se constitui no uso de antidepressivos conjuntamente com abordagens psicossociais, como psicoterapia, terapia ocupacional, atividade física, grupos de interação social na comunidade e apoio familiar. Assim, a depressão é uma condição grave que afeta não só a saúde mental, mas também interfere na saúde física e no funcionamento global das pessoas afetadas, trazendo muito sofrimento. O maior cuidado com a saúde mental da população idosa se torna uma tarefa importante para todos nós, que já somos ou seremos idosos, ou que convivemos com nossos pais, avós, amigos, pacientes, vizinhos.

Dr. Felipe P. de Figueiredo

Médico Psiquiatria da Infância e Adolescência
CRM/PR 31918 RQE 17208/17215

- Médico Psiquiatra da Infância e Adolescência pela HCRP-USP.
- Especialista em Terapia analítico-comportamental.
- Doutorado do Programa de Pós-graduação em Saúde Mental da USP de Ribeirão Preto.

Dra. Giovana Jorge Garcia

Médica Psiquiatra
CRM/PR 24337 RQE 17431

- Médica Psiquiatra pela HCRP-USP.
- Doutorando do Programa de Pós-graduação na Saúde Mental da USP de Ribeirão Preto.



essentia
Clínica de Psiquiatria

Telefone: 44 3346-9222 - Avenida Tiradentes, 1.008 - sala 1604
Maringá - PR contato@essentia.med.br

Envelhecer é ter histórias para contar

SESSÃO ESPECIAL



KARLA MARIANA FERNANDES GUIMARÃES

Psicóloga (CRP: 08/15469), Especialista em Psicanálise, Mestre em Promoção da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação do Unicesumar (bolsista Capes), Professora de Psicologia do Unicesumar.



ANDRÉA GRANO MARQUES

Psicóloga (CRP 08/17020), Nutricionista, Especialista em Sociologia dos Sistemas Agroalimentares, Mestre em Nutrição, Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina (UNIFESP-EPM), Professora titular do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde do Unicesumar.



RUTE GROSSI MILANI

Psicóloga (CRP 08/05806), Especialista em Saúde Coletiva, Psicóloga Clínica de Orientação Psicanalítica, Mestre e Doutora em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo, Professora Titular dos Programas de Mestrado em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas da Unicesumar.



A cena de uma família reunida na sala ao som de vai-e-vem de uma cadeira de balanço e de histórias e estórias de uma vida inteira não tem sido comum nos dias atuais. Esta foi, durante longo tempo, o modo como as pessoas conheciam as histórias familiares, o que facilitava a construção do sentimento de pertencimento e, ao mesmo tempo, permitia aos idosos se manterem vivos simbolicamente.

Em algumas sociedades tradicionais, os idosos têm um papel fundamental em contar a história da comunidade, da família, servindo de referência às novas gerações. A criança, por sua vez, ouvindo histórias sobre diferentes pessoas, com distintas perspectivas sobre o mundo, emoções e intenções, em diferentes lugares e épocas, vai tomando consciência do seu contexto cultural e social e sobre seu próprio ponto de vista. Começa a entender que sua história começa bem antes das suas lembranças, em lugares inimagináveis, o que contribui para projetar-se no futuro.

As lembranças conservam a existência e a continuidade do eu, aquilo que há de mais precioso dentro de si. Elas são registros do que o idoso viveu, de suas construções e perdas. Perdas estas que, se não forem bem elaboradas, como já nos ensinava Freud (1917[2006]), levam à angústia. De acordo com a Psicologia do Envelhecimento, a velhice bem-sucedida é aquela que goza de boa saúde física e mental, autonomia, envolvimento ativo com a vida pessoal, a família, os amigos, o tempo livre e as relações interpessoais, e isso é fruto da aliança entre a experiência de vida e os fatores da personalidade do idoso (NERI, 2002).

Viver consiste em elaborar lutos por perdas cotidianas: para crescer perde-se a condição de bebê, que é tão cuidado e devotado por todos que o circundam; para adolecer perde-se o corpo infantil e os pais poderosos, como são enxergados pelos olhos infantis; para adulecer perde-se a intensidade e a instabilidade vividas pelo adolescente. Assim ocorre também com as escolhas que fazemos: para escolher uma profissão é preciso preterir inúmeras outras; para escolher ir a uma festa

é preciso preterir outras atividades e até outras festas. É impossível viver sem preterir, viver sem abrir mão de outras possibilidades.

O envelhecimento, assim como todo o desenvolvimento, é acompanhado pelo mal-estar. Mal-estar diante das perdas e da possibilidade da última perda, a da própria vida. Apenas lidando com o mal-estar é possível viver com plenitude. Ou seja, se isolarmos no nosso psiquismo o afeto da tristeza pelo mal-estar, também isolaremos os afetos da felicidade e da alegria de viver.

Valore (2001) afirma que a única possibilidade de elaborar luto é pela palavra. Ou seja, pôr em palavras a dor da perda. Diante disso, a narrativa se torna uma possibilidade de promoção de saúde mental ao idoso. Isso decorre porque, ao narrar, recorda-se uma história e a emoção se manifesta. Contar uma história é experimentar a emoção do não-dito, do até então indizível, que ao encontrar uma oportunidade, uma escuta, exterioriza o sentimento negado e até mesmo frustrado no cotidiano (VON SIMSON, 2000).

As narrativas articulam o passado com o presente e desenvolvem um sentido de temporalidade subjetiva que pode ser compartilhada, convidando quem escuta a adentrar em um universo cheio de mistérios a serem desvendados e, nesta interação, o contexto, os personagens e a vida humana ali presentes são ressignificados. Assim, a narrativa e a escuta são dispositivos eficazes para a promoção da saúde do idoso, favorecem o acolhimento à sua subjetividade e facilitam a construção de vínculo e o estabelecimento de uma relação de confiança. Oferecer escuta ativa não é o mesmo que aconselhamento. É uma maneira solidária de administrar o diálogo, de forma a ajudar a pessoa que está sendo ouvida a restaurar um laço de confiança, à medida que se sinta compreendida e respeitada (SOARES, 2005). A escuta consiste em um processo mental que requer grande energia psíquica, pois implica em avaliar o conteúdo recebido sem interferir com as próprias impressões, aguardar o idoso concluir sua exposição, constituída de valores que lhe são íntimos e que podem

se tornar preciosos para quem convive com ele (LAMELA; BASTOS, 2012).

A constituição psíquica ocorre por meio do outro, sendo que a capacidade de estabelecer laços (de ligação com o outro) é imprescindível à constituição psíquica – permite a vinculação (POKORSKI, 2015). Entre os vínculos possíveis, há o do reconhecimento, como a necessidade de ser reconhecido pelos outros, o que significa ser visto, nomeado, amado, diferenciado; assim, como para a estrela existir ela precisa ser vista, nós humanos também precisamos desse investimento do outro e, quando isso não acontece, cria-se um terreno fértil para as configurações psicopatológicas, que abarcam as questões de “autoestima, de sentimento de identidade e da relação com a realidade exterior” (ZIMERMAN, 2010, p. 212).

O idoso ao contar a sua história, em suas narrativas, bem como em seu apaixonamento, transmite sua herança às próximas gerações. Entretanto, essa possibilidade narrativa o remete ao outro; contam histórias para alguém que os reconheça, à espera de uma escuta acolhedora. Deste modo, questiona-se como isto é possível, já que é uma relação permeada pela dor, sofrimento, experiências de vida que podem de alguma forma nos mobilizar? Está aí o desafio, o comprometimento de quem convive com o idoso, na valorização da relação com ele, tornando a interação significativa.

Por ser o guardião das histórias da família e da sociedade, o idoso é aquele que entrelaça o passado com o presente e o futuro, preenchendo as lacunas dos não-ditos com suas lembranças, preservando a identidade pessoal e grupal. É aquele capaz de acalmar uma família angustiada com uma narrativa contada evocando a si e aos outros a emoção que ainda não havia tido espaço de ser vivenciada. Preservar o lugar subjetivo privilegiado do idoso na família é ter a possibilidade de experimentar a articulação entre os tempos, conhecer e reconhecer a própria história e a história familiar, além de compreender a construção da identidade familiar e social. Isto é promoção de saúde mental.

O alvorecer da velhice e o processo de individuação

CRISTINA ALBUQUERQUE

Psicóloga clínica [CRP 08/04349], presidente do Prometheus Instituto Junquiano de Maringá.

Somos filhos do tempo e da eternidade. De Chronos e de Kairos. De um tempo quantitativo, cronológico, sequencial, linear e de um tempo existencial, alquímico, qualitativo, não linear, de oportunidades potenciais. Esses dois tempos se constituem nos fios que tecem a nossa existência.

Chronos nos confere o espaço/tempo que dá forma, consistência, coerência lógica, constância a todas as experiências. Kairos nos faculta aqueles momentos singulares em que algo especial emerge “inesperadamente”. Possibilita a experiência do momento oportuno para as metamorfoses tão necessárias ao processo de individuação.

Embora essas duas realidades se autorregulam intrinsecamente em nós, a maior parte do tempo, só conseguimos “perceber” a presença de Chronos. Um Chronos materializado no tempo humano medido em anos, dias, horas e suas divisões. Nesta perspectiva, o espaço/tempo que nos é acessível torna-se uma prisão de segurança máxima e passamos a existir em limites muito estreitos. Conforme Chronos vai se movendo em nossa existência, vamos observando metamorfoses acontecendo em nossas vidas, em nossos corpos físicos, em nossa mentalidade, nas pessoas que conosco convivem. Na medida em que Chronos vai atuando, sobretudo, sobre o nosso corpo físico, começa a se mover em nosso interior uma angústia de diferentes proporções, uma vez que ele começa a revelar uma de suas faces mais temidas: um desgaste progressivo sobre a matéria diminuindo o viço, a beleza, a frescura, a mobilidade do corpo, fazendo acontecer o que chamamos de velhice.

Alguns de nós, temendo o inevitável, realiza uma verdadeira cruzada “contra” o implacável Chronos. Visitamos todos os “santuários” possíveis que nos prometem o resgate dos atributos devorados pelo deus do tempo. Ressentida e desesperadamente tentamos a todo custo arrancar das entranhas de Chronos tudo aquilo que devorou de nossa existência. Travamos um combate inglório. Deformamos nossos corpos e nossas mentes nesta busca insana. Atuando, muitas vezes de modo

inadvertido sobre o nosso corpo, criamos formas físicas tão distintas daquelas que nos conferia até então a identidade que, com facilidade, nos despersonalizamos.

E tudo isto porque nos esquecemos, a maior parte do tempo, de que cada época de nossa existência, que cada Éon, tem sua natureza própria, seus desafios e seus saltos qualitativos.

Alguns de nós neste momento (e alguns antes deste momento) começam a intuir, a pressentir, a serem visitados por um tempo distinto. A crise (oportunidade na dificuldade) se constitui num magnífico portal para a realização de um salto quântico. Em épocas assim Kairos, em sua face Aevum, faz despertar na consciência reflexiva um tempo potencial que traz em seu ventre a força e a destreza necessárias para iniciarmos o acolhimento de uma das etapas mais significativas de nossa existência.

A “velhice” física, se olhada como parte de um longo processo de diferenciação poderá dar início a um fecundo diálogo entre tudo aquilo que já foi e tudo aquilo que ainda está por vir. Nesta etapa, a mãe natura disponibiliza um tipo muito especial de energia vital que, se for percebida, torna-se matéria-prima para a construção de nossa própria individuação.

O profundo medo e desamparo nascidos neste momento existencial inevitável só nos ocorre porque fizemos uma longa jornada adormecidos de nós mesmos. Como quase todas as coisas essenciais para o significado da vida jaz em latência, em potência, experienciamos um vazio dilacerante. Contudo, importante ressaltar que tudo dorme, mas que pode



ser “acordado” a qualquer momento e, uma vez acordado, potências criadoras entram em movimento resignificando a existência. Desperta, então, para a nossa consciência os recursos necessários para um fecundo processo de individuação.

Importante ressaltar que o processo de individuação nos acompanha desde sempre, porém, ocorre de maneira tão sutil que nem o percebemos e, portanto, não o acolhemos. Faz-se necessário um olhar sensível e atento para percebermos esta dimensão e, uma vez percebendo, atuar materializando os desígnios de nossa singularidade.

A chamada “velhice” tem potencial extraordinário para ser um momento propício para que Kairos/Aevum nos fecunde e faça germinar as sementes de eternidade que habitam a nossa alma. Se assim for, transcenderemos a forma e, transcendendo a forma testemunharemos a continuidade de nossa existência para além do tempo/espaço. E, se assim o for, venceremos o medo e o vazio existencial.



Seja qual for seu destino, estamos juntos.

A Linda Li se uniu com o ICI Intercâmbio. Seu ponto de partida para viajar a trabalho, lazer ou estudos começa no mesmo lugar.



44 3305-3662 | Av. Rio Branco, 155. Zona 4 - Maringá, PR

O(s) luto(s) pelo(s) envelhecimento(s)



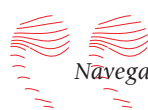
GIOVANA KREUZ

Psicóloga [CRP 08/07196] pela PUC –PR [1999] e em Direito pela UNIVEL [2006]; Especialista em Psicanálise com crianças [UTPR], Especialista em Educação, Políticas Públicas e atendimento à famílias [ISEPE], Especialista em Psicologia Hospitalar [CFP], Certificada em Psicologia da Saúde [ALAPSA], Mestre em Saúde Coletiva [UERJ], possui aprimoramento em Tanatologia [FAMIPAR] e Luto [Instituto 4 estações SP]. Doutoranda em Psicologia Clínica [PUC-SP].



ZECA GRIGOLETO

Estudante do 4º ano de Psicologia (Faculdade Ingá – UNINGÁ) e membro do Instituto Psicologia em Foco.



Navegar é preciso, viver não é preciso.

Fernando Pessoa

As pessoas estão vivendo mais; a longevidade humana é experimentada pelos sujeitos no tempo atual: não é apenas uma previsão, é uma realidade comprovada, vivida. Viver o próprio envelhecimento requer a reinvenção de modelos preestabelecidos e a compreensão de um lugar novo, recente.

O idoso contemporâneo tem acesso à participação social ativa, pode dispor de recursos para manter o vigor e o dinamismo físico; enfrenta e sente-se merecedor de novos prazeres, atividades, direitos. No entanto, idosos continuam morrendo nas filas de espera de serviços de saúde, são abandonados em instituições asilares, são alvo de preconceitos – velhos assexuados, não desejantes, folgados que ocupam os bancos do transporte público, e assim, destituídos por completo de sua autonomia.

O novo velho paradoxalmente é aquele que envelhece, mas parece ter a obrigação de manter o ideal de eterna juventude – se não o fizer será rechaçado. Vivemos a prescrição de valores ideais e ter acesso a recursos podendo usufruir de uma velhice nos parâmetros de hoje deveria ser uma escolha e jamais um lugar de escravização perante os modelos preestabelecidos.

A transformação do cenário mundial em relação ao envelhecimento exige a construção/desconstrução de modelos rumo ao que chamamos

de envelhecimento(s). Neste sentido, a idade cronológica teria uma importância menor e as práticas sociais, culturais e familiares anteriores passariam a ter sentido de repetição caso fossem, de fato, significativas e justificadas (Debert, 2012).

Para Mosca Filho (2006) o envelhecimento é universal e inexorável embora não incida numa mesma ordem cronológica, ou seja, não há igualdade nem justiça quando se trata de quantificar os anos ou qualificar a experiência. O idoso depara-se com o luto antecipatório acerca da própria condição, afinal percebe-se envelhecendo e neste processo há inúmeras perdas que precisam ser reconhecidas, adaptadas e reintegradas para poder seguir adiante. Negar o envelhecimento e a morte faz parte do trabalho de luto vivido, que oscila entre saber, sentir, viver e também adiar a certeza por um tempo, para reintegrá-la de um modo mais adaptado.

Pesquisas demonstram que os idosos estão mais vulneráveis a determinadas situações traumáticas, pois estão em um momento do ciclo vital no qual já têm somadas outras inúmeras perdas – como o envelhecimento do corpo, a morte de pessoas próximas com maior frequência, suscetibilidade a doenças, degradação de funções biológicas e sociais, necessidade de cuidados profissionais e familiares, afastamento do trabalho, isolamento familiar/social, e consequentemente outros lutos, inclusive com maior intensidade neste período da vida.

Mesmo assim, as pesquisas também apresentam os idosos como aqueles mais resilientes, pois contam com estratégias e mecanismos de defesa mais elaborados, vividos e experimentados durante

a vida, que podem fornecer melhores possibilidades de enfrentamento e adaptação (Greggio, Marras, Maso, Oliveira, 2015). Ainda, sabe-se que não é uma tarefa nada fácil reinventar a vida após certa idade na qual muitos dos laços anteriores são desfeitos, quando a velhice escancara o desamparo e a morte de forma incisiva, cabe destacar que o mais temido, de fato, é a morte do desejo (Mucida, 2006). Logo, vale refletir que esse processo não precisa ser apartado, individualizado e solitário; pode ao contrário, ser reconhecido socialmente, vivido na coletividade e compartilhado entre novos e velhos já que o reconhecimento da própria finitude e dos lutos decorrentes do envelhecimento podem ser vividos como antecipação, afinal não são tarefas exclusivas da velhice dos velhos; permitem planejamento e preparo para uma vida mais plena independente da idade cronológica.

No mais, tratamos do envelhecimento como experiência plural que envolve muitas facetas, requer estudos de diversas áreas do conhecimento, necessita da visão essencial de quem envelhece e neste sentido, configura-se como Envelhecimento(s)... Afinal, “Navegar é preciso, envelhecer não é preciso”.

Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fáscia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600

CONEXÕES

**Vida transcendente através da avosidade****CARMEN L. CUENCA**

Psicóloga [CRP 08/06541-2] formada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, pós-graduada pela UEM e UFSC, atua na clínica com Terapia Sistêmica [Casal].

A família é um sistema que se caracteriza por um conjunto de pessoas emocionalmente ligadas – pelo nascimento, casamento, adoção ou escolha – partilhando laços sociais e emocionais pautados por responsabilidades duradouras. Sistema cuja história longa e complexa propicia o convívio de até quatro gerações em um mesmo momento histórico.

Dentre os ciclos, pelos quais a família passa, o envelhecer é o mais difícil. O grande número de perdas no envelhecer demanda um grande esforço para adaptação. Implica em se deparar com novos desafios, conflitos, limitações e sofrimentos.

Porém, em meio a tantas faltas, um ganho interessante desta etapa da vida é a chegada dos netos. Tornar-se avô ou avó traz uma nova função num período da vida onde o sonhar e fazer planos parece distante para muitos indivíduos. Ser avô/avó permite a vivência da parentalidade sem as responsabilidades e obrigações inerentes às mesmas. Com os netos, os avós podem ter contato com novos ideais culturais, adotar posturas menos conservadoras, assim como aprofundar um sentido de continuidade da sua existência.

A relação entre avós e netos oferece benefícios aos avós, aos netos e aos pais. Sendo a avosidade um termo cunhado pela Psicogerontologia (campo da psicologia relacionado ao estudo do envelhecimento). Convém destacar que vivenciar a avosidade, em qualquer circunstância, significa alterar o lugar em que se ocupava na família e/ou na própria dinâmica. É se aproximar novamente dos sentimentos maternos e paternos.

As funções psíquicas de membro da família influenciam as funções psíquicas

de outro membro, provocando, assim, uma regulação recíproca contínua, que transcende a família nuclear, incluindo as gerações posteriores e anteriores. Assim os netos trazem um sentido de imortalidade aos avós. Suas vidas transcenderão no tempo e, desta forma, os avós podem sentir-se mais preparados para aceitar sua finitude, sabendo que a memória familiar está assegurada. A morte eminente à existência humana não extingue as memórias da família.

Outra função dos netos é a de representar a oportunidade de realizar desejos não concretizados. Ao verem os seus filhos tornarem-se pais, origina-se um sentimento de orgulho nos novos avós. Por seus filhos já serem uma extensão deles mesmos, os avós percebem os netos também como uma extensão, por consequência, deles próprios. Essa continuidade em uma nova vida pode trazer ânimo a quem por muito tempo viveu apenas no papel de pai/mãe.

Os padrões que foram funcionais nos estágios anteriores talvez não sejam adequados agora, novas opções devem ser exploradas. No papel de avós é requerido que assumam novos papéis e responsabilidades que permitam vínculos especiais. Essa aliança pode ser problemática se um neto é triangulado num conflito entre progenitor e um avô. Lealdades conflitantes podem levar a conflitos e disputas emocionais, podendo promover o isolamento dos avós do convívio com a nova geração.

Rompimentos devem ser evitados e reparados antes do término existencial. Nosso desafio, enquanto psicólogo e psicoterapeuta deve ser o de ajudar na redefinição e reintegração de suas relações de papel no estágio tardio da vida.

**Atividade física e o envelhecer****LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA.**

Psicólogo [CRP: 08/12613] e mestre em Educação Física pela UEM, doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP e professor do curso de Psicologia da UniCesumar.

Ao nascer, o ser humano é apresentado a um mundo desconhecido. O choro inicial demonstra bem a dificuldade em se adaptar a um ambiente estranho, e as mudanças que ocorrem no corpo do recém-nascido são imediatas e exigem atenção dos cuidadores por tempo integral. As principais mudanças percebidas com o passar do tempo são relativas ao corpo físico, e o crescimento aparente e a capacidade de se autogerir do ponto de vista motor encantam quem acompanha esta etapa inicial. Cada engatinhada, cada passo, cada tombo, é comemorado.

Mas esta história de comemorar o tombo acaba por se restringir às fases iniciais da vida. É preciso lembrar que nosso desenvolvimento tem um destino, a velhice. Momento de se adaptar às situações diferentes, as mudanças no corpo não são tão imediatas, mas também exigem atenção, pois a capacidade de se autogerir do ponto de vista motor já não encantam, mas preocupam, e os tombos não são comemorados, são prevenidos. As quedas são consideradas as principais causas de mortes acidentais em idosos, e as estatísticas demonstram que por ano, aproximadamente 30% da população idosa sofre quedas. O que ocorre na verdade é uma redução gradativa da eficiência do aparelho locomotor, ocasionando uma diminuição da força e da massa muscular, além da diminuição da flexibilidade. Muitos são os fatores que contribuem para que essa caminhada até a velhice tenha se modificado em termos de qualidade de vida, e esta já não é tão temida assim visto que a expectativa de vida do brasileiro aumenta a cada ano.

E por falar em caminhada, esta é uma das armas contra o sedentarismo para as pessoas que pretendem chegar à velhice com um pouco mais de qualidade de vida. Não apenas ela, mas pode ser o ponto de partida para outras atividades físicas que têm uma relação impor-

tante com a qualidade de vida, desde os primórdios, e cada vez mais cresce o reconhecimento social de sua importância. Muitas pessoas começam a praticar uma atividade física por recomendação médica, e com os idosos não é diferente. Mas essa é uma realidade que está mudando e precisa ser aprimorada. Realizar uma atividade orientada por profissionais que sejam capacitados leva a resultados surpreendentes quando o assunto é terceira idade. As atividades realizadas ao ar livre fazem com que o sol ajude o corpo a captar o cálcio consumido em alimentos; sendo o cálcio um importante aliado à prevenção da osteoporose, que se caracteriza pela diminuição da resistência dos ossos, algo muito presente principalmente em pessoas acima dos 50 anos. Além de colaborar com a captação do cálcio pelos ossos, a prática regular de atividade física melhora o equilíbrio e a força muscular, um grande aliado nesta fase da vida. É preciso lembrar que o processo de envelhecimento ocorre para todos e a atividade física é apenas uma das armas que podem ser utilizadas para melhorar este processo. A desaceleração do envelhecimento físico e da degeneração óssea e muscular é uma das principais conquistas daqueles que são considerados os atletas da terceira idade.

Além dos benefícios físicos, a prática de atividade física na terceira idade pode ser um fator de melhora do bem estar psicológico, com diminuição do estresse e depressão causados pelas perdas naturais da vida, além do aumento da autoestima e das funções sociais. A atividade física é uma das aliadas na busca por qualidade de vida em qualquer idade, mas na velhice contribui muito para modificar o estereótipo de sujeito “inutilizável” e passar a enxergar o idoso como sujeito ativo e capaz, basta que sejam respeitados seus limites e as orientações sejam específicas para o momento de vida.

Vá mais longe com a LOOKING4

IDIOMAS



(44)3031-7004

Av. Quinze de Novembro, 1012 Maringá- PR



Sobre as emoções, a intencionalidade e a moral

RODRIGO GONÇALVES CORRÊA

Psicólogo clínico (CRP 08/ 21130) e colunista do jornal O Duque.

I - As emoções são sofridas e disso não há dúvida. Crédito aos gregos que nos ensinaram que graus de passividade (pathos) compõem cada afeto.

II - Dor e prazer são, entre as emoções, as mais primitivas e tem valor fundamental à sobrevivência. Tal que cada dor nos mata e cada prazer nos renova.

III - Abandonando a simplicidade do estado primitivo, nascem da dor a tristeza, e do prazer, a alegria. E essa polaridade fundamenta todos os afetos. Assim a alegria é uma ideia vinculada ao prazer, e a tristeza uma ideia vinculada a dor.

IV - Bom é o atributo moral produto do juízo que fazemos quando reconhecemos algo como causa de nossa alegria.

V - Mau é o atributo moral produto do juízo que fazemos quando reconhecemos algo como causa de nossa tristeza.

VI - Por moral, entendemos aqui todo ato que encerre em si, alguma medida de aprovação ou censura, certo ou errado, verdadeiro ou falso.

VII - O amor nada mais é do que identificar em alguém a causa real de nossa alegria. O mesmo raciocínio se aplica ao ódio, quando reconhecemos em alguém a responsabilidade por nossa tristeza.

VIII - Não há juízo moral que não se fundamente na censura pelo ódio e na aprovação pelo amor.

IX - Aprovação ou censura, certo ou errado, verdadeiro ou falso, não existem em si mesmos, mas em consequência de um juízo relativo a uma interrogação que necessariamente lhes é anterior. Nenhuma interrogação pode ser desinteressada, posto que visa determinado saber, se não houvesse interesse em saber algum, nenhuma pergunta seria feita.

X - Conforme as proposições precedentes, seria absurdo supor alguma separação entre afetividade e racionalidade, pois não há nenhuma decisão ou juízo que se abstenha de afeto e nenhum afeto que não passe pela consciência enquanto ideia de si mesmo.

XI - As emoções primitivas (dor e prazer) são funcionais porque exercem um papel vital à manutenção da espécie. Assim, não há razão para duvidar que as emoções

complexas, igualmente, exerçam, cada uma, uma função situada.

XII - O aumento da complexidade das relações humanas exige o aumento da complexidade das formas de sentir essas relações. Dessa forma, se as emoções primitivas atendiam à necessidade direta de sobrevivência, as emoções complexas de nosso tempo atendem à necessidade direta das relações atuais e se manifestam segundo as funções relativas a essas relações.

XIII - A função de cada emoção se expressa em seu significado particular. Isso implica assumir que as emoções são significativas e significar é indicar uma outra coisa. Assim, tal como um símbolo, as emoções carregam uma intenção que excede as formas nas quais se manifesta.

XIV - Não há nenhuma contradição em supormos que cada emoção manifesta, ao mesmo tempo, uma dimensão passiva e ativa, um Pathos e um Eros. Isso é o mesmo que dizer que a consciência emocionada revela, simultaneamente, a forma como o mundo nos afeta e a expectativa que tínhamos sobre como o mundo deveria nos afetar.

XV - As emoções são desencadeadas pelos sentidos. Cada estímulo que nos alcança nos afeta em alguma medida. Essa afetação depende de nossa intenção sobre ela. Um dia chuvoso, por exemplo, não pode ser entendido como bom ou mal, alegre ou triste, sem antes se considerar a intencionalidade de quem o experiencia. A quem pretenda passar o dia em casa, a chuva pode ser alegradora. Àqueles, porém, que pretendiam um passeio a pé, podem experimentar o dia chuvoso como entristecedor. As emoções não são propriamente a forma como o mundo nos afeta, mas a forma como permitimos que o mundo nos afete.

XVI - Os afetos também são o único fundamento não transcendente para a moral. Se escolher é eleger a alternativa de maior valor, não há outra forma de medir esse valor senão pelo modo como ele nos afeta.

XVII - Se cada afeto é constituído de cargas indissociáveis de passividade e intencionalidade, somos responsáveis pelo que sentimos na mesma medida em que somos inocentes.



A arte como denúncia

IEDA MARINHO

Acadêmica do 4º ano de Psicologia da UniCesumar, estagiária na Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SASC) e membro do IPF.

O filme “Bicho de sete cabeças”, lançado em 2001 sob a direção de Laís Bodanzky, foi baseado numa história real contada no livro “O canto dos malditos”, sendo este uma autobiográfica de Austregésilo Carrano, hoje um dos maiores militantes da Luta Antimanicomial. A obra retrata a triste e injusta história de Austregésilo, que no filme é nomeado por Neto, representado, de forma espetacular, pelo ator Rodrigo Santoro.

O então jovem foi internado num manicômio logo após seu pai achar um cigarro de maconha junto aos seus pertences. A ação do pai, por sua vez, no lugar de reduzir os danos que o possível uso da droga pudesse causar, acaba prejudicando ainda mais a saúde física e psicológica do filho, bem como o desenvolvimento deste que na época estava a caminho da maturidade.

No filme nos deparamos com uma séria denúncia feita através da arte, nos damos ao caos dos manicômios, no que diz respeito à internação e “tratamento” desumanizados oferecidos aos pacientes. Nas primeiras cenas filmadas na instituição, acontece o ato da involuntária internação de Austregésilo, a qual ocorreu através do mandato feito por seu pai e da força física dos profissionais do hospício.

Posteriormente, se inicia a prática da medicalização institucionalizada. Neto, ou Austregésilo, começa a ser tratado sequer sem qualquer exame, sem motivos pelos quais os remédios fossem de fato requeridos. O filme apresenta de forma bastante rica o poder e as consequências da errônea prescrição e

consumo da medicação na vida e no organismo das vítimas do manicômio. Muitas das cenas retratam alegoricamente a ideia de que estes já não são mais donos dos seus passos, de si e, muito menos, dos seus próprios pensamentos.

Embora a obra cinematográfica retrate em especial o caso e as perdas de Austregésilo frente a situação em que fora colocado, de modo geral, a perda e a denúncia que o filme traz à tona é muito maior, tange ao ferimento dos direitos humanos de todos os cidadãos que foram (e ainda são) descartados em instituições como esta, sendo esses direitos referentes ao convívio social, à possibilidade de ir e vir e, por último, ao próprio respeito enquanto pessoas que, por sua vez, ora são vistas apenas como doenças, quando vistas.

Por fim, desejo chamar a atenção de todos à representação de uma das cenas mais bonitas do filme, esta acontece quando Neto ganha de um amigo, “louco”, um gorro para que se agasalhe e, contudo, nos damos com uma metáfora, o gorro aqui parece ter a função de proteger a mente de Neto da crueldade ali vivida e da sociedade que dela se faz cúmplice. Assim, fica a dúvida: quem são verdadeiramente os loucos de toda essa história?



Psicologia Clínica
Veruska Betioli de Carvalho

CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

II Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Universidade e alguns pensamentos sobre a Psicanálise não tendenciosa



GIOVANNA MARIA BERTONI

Psicóloga (CRP 08/19036) graduada em filosofia (UEM) e psicologia (UNICESUMAR). É especialista em psicoterapia psicanalítica e atua como psicóloga clínica.



LÍVIA BATISTA PEREIRA LARRANHAGA

Psicóloga (CRP 08/13426) graduada pela UEM, especialista em clínica psicanalítica (NECPAR) e mestranda em psicologia (UEM). Atua como psicóloga clínica.



VIVIAN RAFAELLA PRESTES

Psicóloga (CRP 08/17539) mestre em psicologia pela UEM. Atua como psicóloga clínica e professora da Unipar e da Unifamma.

O II CONLAPSA (Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Universidade), realizado nos dias 01 a 03 de setembro, no Instituto de Psicologia da USP, trouxe, já em sua descrição, um assunto bastante problematizado desde Freud: é possível transmitir o saber psicanalítico nas universidades? O autor, nas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise (1915), nos alerta que não é por meio de palestras que se dá o aprendizado do exercício da investigação psicanalítica. Não entraremos no mérito da questão, primeiro, por exigir distinções e discussões sobre o que é ensinar e o que é transmitir. Segundo, por respeitar nosso desejo em abordar um desdobramento deste tema, a saber: há mais de uma Psicanálise?

O Congresso não defendeu, tampouco atacou, as diversas linhas psicanalíticas. Motivo pelo qual estar ali se tornou uma experiência aprazível. A partir da comunicação entre elas, foi possível observar que há uma diferença entre diálogo e ecletismo, já que este consiste na seleção arbitrária de teoria, técnica e método para um posterior agrupamento. Nesse sentido, o evento não foi eclético, pois promoveu uma reflexão a respeito de várias linhas respeitando as diferenças. Foi agradável ouvirmos sobre a Psicanálise, essa ciência que tem pai e tantos filhos que nem sempre se tornam “irmãos”. Ocorre, desde a nossa escolha pela abordagem psicanalítica, com certa frequência a sensação de sermos hereges ao frequentarmos alguns debates e exposições realizados em certos círculos institucionais e acadêmicos. Por vezes, sentimos como se a Psicanálise fosse uma religião. Em decorrência disso, há uma exigência para que escolhamos e defendamos um grupo a fim de termos um “sentimento de pertença”. Mas, talvez só exista

uma Psicanálise, visto que, independentemente das divisões, o objeto de estudo sempre será o mesmo: o inconsciente.

Sabemos que a psicanálise não trabalha com dogmas. Freud, no texto Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica (1919 [1918]), imagina os avanços que a sociedade passará e reconhece que os psicanalistas, diante desta realidade, deverão se adaptar e recriar a técnica. Em suas palavras, “Defrontar-nos-emos, então, com a tarefa de adaptar a nossa técnica às novas condições” (p. 181). Mais adiante, ele continua afirmando que, quaisquer que sejam os elementos de tais novas técnicas, “(...) os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa” (p. 181). Quer dizer, a partir dos elementos que compõem a prática clínica, sejam eles baseados em qualquer autor de orientação psicanalítica, deve permanecer a investigação do inconsciente. Freud nos recomenda uma postura “não tendenciosa”, talvez no sentido de não tornar a Psicanálise enviesada, ou seja, distante do seu objeto de estudo.

Por último, o caráter gratuito do congresso chamou nossa atenção, pois a partir da democratização da psicanálise é possível romper com o elitismo que cerca sua transmissão quando esta fica restrita a pequenos grupos que ao mesmo tempo que detêm o poder sobre um saber, utilizam o critério financeiro como algo que seleciona e, conseqüentemente, segrega. Sendo assim, o II CONLAPSA permitiu a reflexão sobre a Psicanálise não como um conjunto de castelos protegidos por altos muros, mas como uma praça que oferece espaço para todos aqueles que desejam fazer parte dela.

ACONTECEU

AÇÃO SOCIAL

A Secretaria de Mulheres DCE-UEM – Gestão Ativa – que trabalha em prol da defesa das mulheres, se reuniu para debater a respeito dos diversos casos de violência sexual que têm acontecido nas proximidades e dentro do campus da Universidade Estadual de Maringá. Decidiu-se que é necessário que se faça a cobrança aos órgãos responsáveis a favor da melhoria da segurança dentro da Universidade. A partir desta reunião, foi organizado um ato referente à defesa das mulheres, em frente a biblioteca da UEM no dia 15 de setembro.



Magnéia M.S Rocha

FISIOTERAPEUTA - PSICÓLOGA
CRP 08/19956

GESTALT-TERAPEUTA

(44) 9978-2511

CENTRO MÉDICO MAURILIO DE OLIVEIRA
RUA NÉO ALVES MARTINS, 3176
1º ANDAR - SALA 11 - CEP: 87013-060

Gislaine Marquesone

PSICÓLOGA
CRP 08/17486

GESTALT-TERAPEUTA

(44) 9926-1250

CENTRO MÉDICO MAURILIO DE OLIVEIRA
RUA NÉO ALVES MARTINS, 3176
1º ANDAR - SALA 11 - CEP: 87013-060



A idas e vindas de Morangos Silvestres

CHRISTIAN REIS

Acadêmico do 3º ano de Psicologia da UEM e membro do IPF.

“Nossa relação com as pessoas consiste em discutir com elas e criticá-las”

É essa a frase inaugural de Morangos Silvestres. E talvez isso defina bem a trajetória a ser traçada pelo protagonista do filme. Eberhard Isak Borg se define já no início do longa como um “velho meticoloso” – e nostálgico.

O clássico de Ingmar Bergman, do título original sueco *Smultronstället* (1957), nos mostra as lembranças de Isak, um professor de medicina que vai até Estocolmo com sua nora para receber honras pelos 50 anos de carreira. Ao longo do caminho, Isak recorda seu passado com tom extremamente nostálgico, passando por lugares conhecidos desde a infância e conhecendo personagens enfáticos que o fazem reviver os caminhos e descaminhos de suas memórias.

É interessante observar a delicadeza com que Bergman apresenta os aspectos reminiscentes

de nosso herói. Os vários sonhos de Isak durante a longa viagem de carro a Estocolmo nos transportam para os confins mais remotos de sua experiência. Todas essas lembranças, no entanto, parecem dizer mais sobre o próprio protagonista do que sobre os acontecimentos reais de sua vida. Aí moram a culpa e o arrependimento pela negligência com relação à família, mas também lembranças agradáveis e positivas, que, de certa maneira, oferecem conforto para Isak ao olhar para trás em sua vida através das lentes da morte iminente.

As incertezas quanto a morte, a nostalgia e as novidades encontradas pelo caminho marcam os rumos finais da vida de Isak Borg, em um filme delicado, coeso e sensível.



CINEMA



Os dois lados da mesma história

LUANA RAMOS ROCHA

Acadêmica do 3º ano de Psicologia da UEM e membro do IPF.

O conto “A Partida” de Osman Lins, conta a história de um jovem que mora com sua avó e se vê no momento de partir. O jovem encontra-se cansado da vida que leva, das regras que deve seguir, dos conselhos repetidos, dos horários estipulados, dos carinhos excessivos da avó.

A personagem principal conta que tudo na avó o irrita e que não vê a hora de ir embora. Quer viver sua própria vida como bem entender, conhecer gente nova sem ter hora para voltar, não ser obrigado a ir à missa, conhecer e conviver com mulheres diferentes, poder contemplá-las na praia... Afinal de contas ele é adulto e já se sente capaz de seguir sua vida sem interferências da avó. No conto, ele utiliza apenas de sentimentos “ruins” em relação à avó: de como o chateava o modo que ela chorava por saber que ele iria embora; como o olhava da mesma forma se estivesse morto, sendo que estava no mais perfeito estado de saúde; como a superproteção dela querendo o cobrir antes de dormir (coisa que o agradava), agora parecia demais.

Todavia, nas entrelinhas, é possível perceber que ele também sofre com a partida: apesar de não querer os contatos físicos com ela, como abraços e beijos, ele, ainda assim, beija a mão dela. Também sente remorso em ir sem avisá-la e sem despedir-se, dessa forma vai falar com ela, beija sua mão novamente e faz carinho em sua cabeça. Anda cabisbaixo pela casa, e mesmo que ansiasse sair, delongou a partida.

Por mais que não tenhamos a visão da avó na história, é possível ir além e vê-la. Ela quer aproveitar o último dia com seu neto, afagá-lo, beijá-lo, demonstrar todo seu amor e afeto, mas sabe que, o que antes o agradava, hoje já não tem o mesmo gosto, então evita fazê-lo. Um momento pela madrugada vai até o quarto dele e o olha, segundo o autor, como se ele fosse um cadáver. Talvez o fosse para ela, pois naquele momento sofria um luto. Não perdia seu neto para a morte, mas para a vida adulta. Mesmo em meio a tanto sofrimento, ela entende que este é um rito que deve acontecer. Então, para o café, põe à mesa uma velha toalha branca e bordada, que era utilizada apenas em aniversários. Aniversários são a celebração da vida, o que prova que ela apoia a decisão do neto e quer celebrar a nova fase da vida dele.



LITERATURA

— F A
S E S
D A —
— V I
D A —

17.10
das 9h às 12h
e das 14h às 18h
na PUC Maringá

A VELHICE E A

VIDA BEM VIVIDA

com **Cristina di Benedetto**
Gislaine Marquesone
Karla Mariana Fernandes Guimarães
Luiz Fernando Corazza
Sandra Cristina Catelan-Mainardes

inscrições:
www.institutopsicologiaemfoco.com.br

REALIZAÇÃO

Oficina do Saber



APOIO

VERMELHO
PANDA
design

PATROCÍNIO

Linda Li
Viagens e Turismo

LOOKING4
IDIOMAS

IMOBILIÁRIA
**SILVIO
IWATA**

**Bolo da
Madre**

essentia
Clínica de Psicologia

MARIA CRISTINA RECCO
Psicóloga Junguiana
CRP 08/1453
44 8802-1360